



A FILOSOFIA FOUCAULTIANA: UM CONVITE À EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO (AUTO)CRÍTICO *

The Foucaultian Philosophy: an invitation to (self)critical thought experience

Renato Carvalho de Oliveira **

Luiz Carlos Sureki ***

Resumo: Michel Foucault desafia qualquer tentativa de ser reduzido a definições simplistas. Fazer uma saudosa memória por ocasião dos 40 anos de sua morte não pode se resumir a uma apresentação estática de sua vida e obra. É imperioso ressaltar o vigor, o dinamismo interno de seu pensamento filosófico. A filosofia de Foucault é um sincero convite dirigido a todos nós para fazermos uma verdadeira experiência de pensar, a voltar-nos para nós mesmos para refletir criticamente sobre as formas de poder pelas quais fomos e somos constituídos, buscando a possibilidade de imaginar novas formas de ser e de nos relacionar com o mundo. Partindo das impressões sobre o legado de Foucault, apresentamos algumas interpretações de sua filosofia no intuito de ressaltar a beleza e a importância daquela experiência de pensar que gera novas interpretações e assegura a vital relevância da filosofia.

Palavras-chave: Michel Foucault. Método Genealógico. Analítica do Poder. Experiência Filosófica.

Abstract: Michel Foucault challenges any attempt to be reduced to simplistic definitions. Commemorating the 40th anniversary of his death cannot be merely a static presentation of his life and work. It is imperative to highlight his

* Artigo recebido em 05.04.2024 e aprovado para publicação em 15.04.2024.

** Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2019); doutorando em Ciências da Religião, com bolsa Capes, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas.

*** Doutor em Teologia Fundamental pela Leopold-Franzens Universität de Innsbruck, Áustria (2014); doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

philosophical thought's vigor and internal dynamism. Foucault's philosophy is a sincere invitation addressed to all of us to engage in true thought experience, to turn inwardly and critically reflect on the forms of power through which we have been and are constituted, seeking the possibility to imagine new ways of being and relating to the world. Building upon impressions of Foucault's legacy, we present some interpretations of his philosophy intending to emphasize the beauty and importance of that thought experience which generates new interpretations and ensures the vital relevance of philosophy.

Keywords: Michel Foucault. Genealogical Method. Power Analytics. Philosophical Experience.

Introdução

No cenário intelectual do século XX, poucos pensadores desafiaram as estruturas convencionais de poder e conhecimento com tanta profundidade e originalidade quanto Michel Foucault. Sua obra multifacetada é um convite para adentrar os labirintos do poder, onde as verdades são construídas e desconstruídas, e as identidades são moldadas e contestadas.

Foucault é comumente conhecido por sua abordagem genealógica, uma metodologia que desenterra as raízes históricas das práticas e discursos que governam nossa sociedade. Sua análise do poder, por sua vez, não se limita, como veremos, aos seus aspectos institucionais óbvios, mas penetra nas entranhas do cotidiano, revelando como o poder permeia as relações sociais, os corpos e, não por último, os pensamentos. Com Nietzsche, Foucault aprofunda sua crítica genealógica à história como pesquisa da origem metafísica da razão, da verdade, da liberdade.

Ao criticar as formas de poder do Ocidente – o disciplinar, o pastoral, o biopoder –, Foucault desestabiliza as narrativas dominantes sobre justiça, normalidade e controle. Mencionaremos que sua análise perspicaz da sexualidade desafia tabus e revela como as normas sociais são construídas e mantidas, como por exemplo, na sua análise da confissão.

Destacaremos também a atitude “anônima” de Foucault que, ao suspender o juízo sobre outros autores, reivindica de certo modo uma atitude semelhante dos outros para com ele, e manifesta ademais sua crença na multiplicidade de vozes e perspectivas. Sua filologia meticulosa e seu diálogo constante com outras tradições filosóficas enriquecem suas análises e desafiam os leitores a expandir seus horizontes intelectuais.

Como a obra de Foucault é bastante vasta, os limites de nossa abordagem serão dados pela seleção bibliográfica que, além de algumas entrevistas

selecionadas e de vários comentadores da obra foucaultiana, compreende especialmente alguns cursos por ele ministrados no Collège de France.

1. O legado intelectual de Foucault¹: algumas impressões

Enquanto alguns o reconhecem como filósofo político, outros o veem como um pensador do poder. Foucault, no entanto, preferia não ser rotulado por nenhum estereótipo. Ele próprio resistiu à ideia de ser categorizado conforme a acepção clássica de filósofo político, como alguém que formula teorias sobre o político. Ao invés de criar uma teoria filosófica do poder, Foucault optou por fazer análises das relações de poder. Em sua percepção, o poder não apenas se exerce sobre os outros, mas também sobre si mesmo. Por essa razão, a abordagem predominante em seu pensamento político se caracteriza pelo método genealógico, cujo objeto de pesquisa são as complexas relações entre práticas de saber e poder que constituem a história do sujeito ocidental, como sujeito de conhecimento, sujeito que age sobre outros e sujeito como agente ético. Isso porque a genealogia foucaultiana incorpora elementos da genealogia de Nietzsche, interpretada por Foucault como uma investigação daquilo que é histórico, da *Herkunft* e da *Entstehung*, e não daquilo que ultrapassa os limites da história, como a *Ursprung*.

1.1 O método genealógico

Em uma entrevista de 1983, intitulada “*À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours*”, Foucault discorreu sobre três eixos possíveis para uma genealogia.² A partir de cada eixo do método genealógico, Foucault estabelece campos de investigação. Ele escreve:

Há três domínios de genealogias possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade, que nos permite constituir-nos como sujeito de conhecimento; em seguida, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com um campo de poder, em que nós nos constituímos como sujeitos agindo sobre os outros; enfim, uma ontologia histórica de nossas relações com a moral, que nos permite constituir-nos como agentes éticos.³

¹ Todas as citações e referências às obras e artigos em francês que foram traduzidas para o português são de responsabilidade dos autores. Com isso se evita as exaustivas repetições do adendo explicativo “tradução nossa”.

² FOUCAULT, M. *À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours*. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV — 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 609-636 [aqui p. 618].

³ FOUCAULT, *À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours*, p. 618.

Este trecho é imprescindível para uma compreensão abrangente da evolução do método genealógico, a partir da década de setenta. O texto que inaugura a investigação propriamente genealógica é *L'ordre du discours* (1970), a aula inaugural que marcou o início da trajetória de Foucault como professor e pesquisador do Collège de France até sua morte, em 1984.

Em *L'ordre du discours*, Foucault prenuncia a análise da sexualidade, ao destacar a prática da confissão, caracterizada por procedimentos de saberes normalizadores, nomeação de comportamentos, classificação e hierarquização:

Um primeiro grupo de análises poderia versar sobre o que designei como funções de exclusão. Aconteceu-me outrora estudar uma delas e por um período determinado: tratava-se da separação entre loucura e razão na época clássica. Mais tarde, poderíamos procurar analisar um sistema de interdição de linguagem : o que concerne à sexualidade desde o século XVI até o século XIX; trata-se não apenas de observar como ele gradualmente e felizmente desapareceu; mas como ele se deslocou e se rearticulou desde uma prática de confissão onde condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, de maneira explícita, até o surgimento, ainda que timidamente e com atraso, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX; são apenas marcos simbólicos, é claro, mas já se pode apostar que as rupturas não são aquelas que se acredita e que os tabus nem sempre ocuparam os lugares que se imaginam.⁴

João Paulo Ayub, em sua obra *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*, identifica um “redirecionamento metodológico” nessa aula inaugural de 1970:

[...] objetiva-se a inclusão da ideia de ‘sistemas de coerção’ em suas análises sobre a produção e o funcionamento do discurso. A novidade metodológica inscrita no âmbito da pesquisa das práticas discursivas se estenderá, a partir de então, ao estudo das práticas punitivas e da sexualidade.⁵

Uma das práticas discursivas, analisada por Foucault anos mais tarde, por exemplo, em *La volonté de savoir* (1976), é a confissão, que aparece em vários âmbitos discursivos: no saber jurídico, médico, pedagógico, nas relações amorosas, familiares, na religião. Crimes, pecados, pensamentos, desejos, sonhos, infância, doenças, tudo isso é confessado tanto publicamente quanto em particular, de modo que o sujeito ocidental tornou-se um ser confidente, confessante.⁶ A confissão, como um ritual discursivo, “é a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo”⁷.

⁴ FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*: Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Paris: Gallimard, 1971, p. 63.

⁵ AYUB, J. P. *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2014, p. 15-16.

⁶ FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 2013, p. 84.

⁷ FOUCAULT, *Histoire de la sexualité I*, p. 84.

O conceito de genealogia deita raízes na filosofia nietzscheana. Na entrevista de 22 de abril de 1978, *La scène de la philosophie*, Foucault defende que Nietzsche foi o primeiro filósofo a definir a filosofia como diagnóstico da atualidade.

Nietzsche foi o primeiro, eu creio, a definir a filosofia como sendo a atividade que serve para sabermos o que acontece e o que acontece agora. Em outras palavras, somos atravessados por processos, movimentos, forças; esses processos e essas forças não os conhecemos, e o papel do filósofo é, sem dúvida, diagnosticar essas forças, diagnosticar a atualidade.⁸

O objetivo central da genealogia é fazer o diagnóstico do presente, dos acontecimentos marcados por relações de forças. Tarefa que exigiu de Foucault genealogista o cuidado de entender a genealogia de Nietzsche, em 1971, no texto *"Nietzsche, la généalogie, l'histoire"*.

Em primeiro lugar, a genealogia, em Nietzsche, "[...] não se opõe à história [...], ela se opõe, pelo contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Opõe-se à pesquisa da 'origem'".⁹ Nietzsche "recusa a pesquisa da origem (*Ursprung*)"¹⁰. E isso se deve a pelo menos três postulados metafísicos da origem.

O primeiro postulado da origem é buscá-la na essência da coisa a-histórica, como se houvesse uma identidade primeira. Nas palavras de Foucault:

[...] primeiramente, trata-se nesse caso de um esforço para nela captar a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente guardada em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental e sucessivo. Procurar tal origem é tentar recolher o que era "antes", o "aquilo mesmo" de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar como acidentais todas as peripécias que puderam ocorrer, todas as artimanhas, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para finalmente desvelar uma identidade primeira.¹¹

Foucault continua sua observação acerca desse postulado dizendo que "se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de crer na metafísica", ele "aprende que por trás das coisas há algo completamente diferente: não absolutamente seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que elas são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que eram estranhas".¹²

⁸ FOUCAULT, M. *La scène de la philosophie*. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. III — 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994, p. 571-594 [aqui p. 573].

⁹ FOUCAULT, M. *Nietzsche, la généalogie, l'histoire*. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. II — 1970-1975. Paris: Gallimard, 1994, p. 136-156 [aqui p. 136-137].

¹⁰ FOUCAULT, Nietzsche, *la généalogie, l'histoire*, p. 138

¹¹ *Ibid.*, p. 138.

¹² *Ibid.*

Essas figuras, na filosofia ocidental, são: (a) “a razão”, que nasceu do “acaso”; (b) o “apego à verdade [...] e o rigor dos métodos científicos”, que nasceram “da paixão dos cientistas, de seu ódio recíproco, de seus debates fanáticos e infundáveis, da necessidade de vencer a paixão – armas lentamente forjadas ao longo das lutas pessoais”; c) a “liberdade” ligada ao “ser e à verdade”, que é uma “invenção das classes dirigentes”.¹³

A partir daí, para Foucault, fica claro em Nietzsche que “o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada de sua origem – é a discórdia entre as coisas, o disparate”.¹⁴ A genealogia foucaultiana tem como seu ponto de partida a renúncia à busca pela identidade primeva, fixa, originária.

Não cabe à genealogia foucaultiana fazer uma antropologia filosófica, haja vista que, na tradição ocidental, isso foi feito com pressupostos metafísicos, que foram matizados por Nietzsche, como se sabe por Foucault. Não que a genealogia não diga algo a respeito do ser humano. Ela diz sobre os seres humanos no devir histórico, isto é, não em si mesmos, mas sobre suas relações de poder, sem perseguir definições identitárias, forjadas pelo deslumbre intelectual com postulações de essência da humanidade, construídas pela razão e por lutas de forças externas, a exemplo das classes sociais e de intelectuais.

O segundo postulado da origem diz respeito ao exagero metafísico de que no início de tudo há a perfeição das coisas, mas que “a história ensina também a rir das solenidades da origem”¹⁵. Com essa afirmação, Foucault evidencia que a genealogia se contrapõe ao aparato metafísico da tentativa religiosa de explicar a origem a-histórica do ser humano, atribuída à divindade judaico-cristã criadora; e que, por isso, a busca pela origem leva a um saber que, de tanto tentar retroceder à explicação da origem perfeita das coisas fora da história, torna-se risível para a análise crítica das relações de poder.

Deseja-se acreditar que, em seu início, as coisas se encontravam em seu estado de perfeição; que elas saíram resplandcentes das mãos do criador ou na luz sem sombra da primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; está do lado dos deuses e, para narrá-la, sempre se canta uma teogonia. Mas o começo histórico é baixo. Não no sentido de modesto ou de discreto, como o passo da pomba, mas de derrisório, irônico, adequado para desfazer quaisquer ênfases: buscava-se despertar o sentimento de soberania do homem mostrando seu nascimento divino; isto se tornou atualmente um caminho proibido, porque em seu limiar está o macaco.¹⁶

¹³ *Ibid.*

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, p. 139.

¹⁶ *Ibid.*

O terceiro postulado da origem é o de que “ela seria o lugar da verdade. Ponto completamente recuado e anterior a qualquer conhecimento positivo, ela tornaria possível um saber que, no entanto, a recobre, e não cessa, em sua falação, de desconhecê-la”¹⁷. A origem como lugar da verdade exigiria um saber abstrato muito aquém da história.

Contra esse movimento metafísico, a história propõe inverter o vínculo entre verdade das coisas e verdade do discurso e abandonar a busca pela origem, pois “por trás da verdade, sempre recente, avara e comedida, há a proliferação milenar dos erros” (Foucault, 1994, p. 139). A verdade é a história de um erro que “tem a seu favor o fato de não poder ser refutada”.¹⁸ E isso se deve ao:

[...] direito que ela se dá de refutar o erro ou de se opor à aparência, a maneira pela qual alternadamente ela se tornou acessível aos sábios, depois reservada aos homens piedosos, a seguir retirada para um mundo fora de alcance, onde desempenhou simultaneamente o papel de consolo e de imperativo, rejeitada, enfim, como ideia inútil, supérflua, contradita em todo lugar – tudo isso não é uma história, história de um erro que tem o nome de verdade? A verdade e seu reino originário tiveram sua história na história.¹⁹

Ao deter-se nos postulados da origem, Foucault reconstruiu não apenas a crítica de Nietzsche à busca metafísica pela origem da moral, do conhecimento, do ascetismo, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história, mas, sobretudo, delineou pressupostos da investigação genealógica, a saber:

[...] deter-se nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa em sua derrisória maldade; esperar para vê-los surgir, máscaras finalmente retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir buscá-los lá onde eles estão, “escavando as profundezas”; dar-lhes tempo para retornarem do labirinto onde nenhuma verdade jamais os manteve sob sua proteção.²⁰

Para Foucault, a genealogia de Nietzsche é definida como pesquisa da *Herkunft* e da *Entstehung*, pois esses termos indicam melhor do que *Ursprung* o objeto próprio da genealogia.²¹ Comumente, esses termos são traduzidos por “origem”; no entanto, Foucault argumenta que é preciso recuperar o seu uso próprio.

Herkunft é o tronco, a *proveniência*. Foucault aprendeu de Nietzsche que investigar a *proveniência* significa: (1) procurar os *inumeráveis* começos e os *acontecimentos perdidos*, esquecidos na história; (2) reencontrar, sob o

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*, p. 139-140.

²⁰ *Ibid.*, p. 140.

²¹ *Ibid.*, p. 146.

aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram; (3) agitar o que antes se percebia como imóvel, fragmentar o que se pensava unificado; mostrar a heterogeneidade do que se imaginava conforme a si mesmo; (4) mostrar o corpo inteiramente marcado pela história, e a história arruinando o corpo, pois no corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, assim como dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também se ligam e subitamente se exprimem, mas nele também se desligam, entram em luta, se apagam uns e outros e prosseguem seu insuperável conflito.²²

Entstehung, por sua vez, designa antes a *emergência*, o ponto de surgimento. É o princípio e a lei singular de um aparecimento. A *emergência* sempre se produz em um determinado estado de forças. Por isso, a investigação da *emergência* implica: (1) restabelecer os diversos sistemas de submissão: não absolutamente a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações; (2) mostrar seu jogo, o modo pelo qual elas lutam umas contra as outras, ou ainda sua tentativa – dividindo-se contra si mesmas – de escapar à degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento.²³

Assim, investigar a *Entstehung* é analisar a irrupção das forças, a entrada em cena da dominação de homens sobre homens, fazendo aparecer a diferenciação de valores, classes dominando classes, fazendo nascer a noção de liberdade. Se na genealogia de Nietzsche o conflito é central, na genealogia de Foucault a guerra, como jogo de forças, é um modelo de poder a ser investigado, pois a humanidade:

[...] instala cada uma dessas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação. O grande jogo da história será de quem se apossar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las pelo avesso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto.²⁴

Por fim, a genealogia é designada em Nietzsche de *wirkliche Historie*, quer dizer, história real, efetiva, que se exerce pelo *sentido histórico*. Segundo Foucault, o uso nietzscheano de *sentido histórico* se contrapõe à história tradicional, com traços metafísicos, sobretudo, o apego à ideia de continuidade, que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal.²⁵ A história efetiva se distancia dessa noção, uma vez que:

faz surgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo. Acontecimento: é preciso entendê-lo não como uma decisão, um tratado, um reino

²² *Ibid.*, p. 141-143.

²³ *Ibid.*, p. 143.

²⁴ *Ibid.*, p. 145.

²⁵ *Ibid.*, p. 146-148.

ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se amplia e se envenena e uma outra que surge, mascarada. As forças que estão em jogo na história não obedecem nem a uma destinação nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta.²⁶

Com Nietzsche, a genealogia tem como instrumento privilegiado o sentido histórico, cujo traço principal é reintroduzir no devir tudo aquilo que se havia acreditado imortal no homem. A *história efetiva* fornece à genealogia foucaultiana o pressuposto de não se apoiar em continuidades, caracterizada por categorias como identidade, constância, unidade, totalidade, verdade originária, imortalidade da alma, reconciliação, consciência idêntica a si mesma, finalidade supra-histórica.²⁷ Nesse sentido, Foucault se mantém muito próximo de Nietzsche.

A *wirkliche Historie* busca reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. “Ela dividirá nossos sentimentos, dramatizará nossos instintos, multiplicará nosso corpo e o oporá a ele mesmo. Ela [...] se obstinará contra sua pretensa continuidade. Porque o saber não é feito para compreender; ele é feito para cortar”²⁸.

Aqui, está o ponto de apoio da genealogia de Foucault, como uma análise crítica das práticas que constituem a subjetividade no Ocidente, cujo objetivo maior é analisar como o sujeito ocidental foi constituído pelas formas de submissão de poder e saber. Com isso, a genealogia foucaultiana, como herdeira da história efetiva de Nietzsche, busca instalar uma ruptura com as formas de sujeição dos indivíduos, as quais se apoiam em categorias metafísicas.

1.2 A analítica do poder

Anos mais tarde, em *Histoire de la sexualité I – La volonté de savoir* (1976), Foucault designa o método genealógico como “analítica do poder”:

O que está em jogo nas investigações que se seguem é dirigirmo-nos menos para uma “teoria” do que para uma “analítica” do poder: refiro-me à definição do domínio específico do poder. Quero dizer, definir o domínio específico das relações de poder e determinar os instrumentos que podem ser utilizados para analisá-lo. Mas parece-me que esta análise só pode ser constituída na condição de abirmos o caminho e de nos libertarmos de uma certa representação do poder, a que eu chamaria [...] “jurídico-discursiva”.²⁹

²⁶ *Ibid.*, p. 148.

²⁷ *Ibid.*, p. 147-148.

²⁸ *Ibid.*, p. 147.

²⁹ FOUCAULT, *Histoire de la sexualité I*, p. 107.

No trecho cima, a analítica do poder é um modo de análise que permite especificar o domínio do poder e determinar seus instrumentos de análise. O domínio das relações de poder são os lugares da ação do poder, a exemplo dos corpos e da conduta dos sujeitos. Uma das conclusões da genealogia de Foucault é que as ações do poder sobre os sujeitos produzem saberes – médico, jurídico, econômico, pastoral – sobre os corpos e os comportamentos. E que tais saberes constituem os sujeitos ocidentais.

Ayub delimita três traços da analítica do poder. O primeiro deles é a “superção da ideia segundo a qual ‘onde há poder há Estado’”, ou seja, Foucault rejeita as “teorias do poder que o remetem às instituições do Estado”.³⁰ Trata-se, aqui, de uma recusa à Teoria Clássica do Poder, que se remete, segundo Ayub, aos pensadores contratualistas: “Conforme Thomas Hobbes, talvez o expoente mais radical e expressivo do pensamento contratualista, o poder pode ser pensado como uma propriedade natural de cada um”.³¹

Ayub reitera que a crítica foucaultiana se concentra nessa teoria do poder, porque a mesma parte da ideia de que “o Estado e suas instituições incorporam o poder e dão-lhe substância”. Para Ayub, o projeto de análise do poder, em Foucault, se distancia radicalmente dos pressupostos de uma teoria do poder que não explicam os fenômenos de poder da atualidade.³² Sua crítica se contrapõe aos seguintes aspectos do poder teorizado:

o estatuto da propriedade do poder, como se fosse algo que alguns possuem e outros não; a oposição entre uma classe dominante detentora do poder e a classe dominada, destituída deste; a discussão sobre a origem do poder e a sua localização nos aparelhos do Estado, o que nos faz pensar numa espécie de substância do poder; por fim, o princípio de exterioridade do poder em relação aos sujeitos que o exercem ou se submetem a ele.³³

O segundo traço da analítica do poder é o fato de se configurar como “condição de ‘exercício do pensamento’”. Trata-se de uma “atitude filosófica que consiste em *problematizar* saberes e práticas. Em outras palavras, a analítica se debruça sobre “os meandros que definem as relações entre o saber e o poder”.³⁴

Um terceiro traço da analítica é ser uma investigação de natureza histórica, quer dizer, “ficções históricas produzidas pelo autor”, cujo fim não é “o poder ou seus modos de funcionamento, mas os processos a partir dos quais viemos a ser o que somos entre práticas e relações de poder que fazemos funcionar ao longo da nossa história. O objetivo da análise sempre será, portanto, o sujeito enquanto efeito das relações de poder”.³⁵

³⁰ AYUB, *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*, p. 10-11.

³¹ *Ibid.*, p. 22.

³² *Ibid.*, p. 23.

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*, p. 19.

³⁵ *Ibid.*, p. 21.

Em tese doutoral, Juliana de Paula Sales Silva afirma que a analítica do poder busca “[...] pensá-lo como tecnologia, forma pela qual Foucault acredita ser possível captar o poder no nível de sua produção”. Ou seja, o poder não é só dominação, proibição e permissão, ele se produz com práticas exercidas sobre os sujeitos e pelos sujeitos. O estudo de Foucault sobre o poder “é analítico, porque seu objeto é o funcionamento do poder que se exerce por meio de diversas práticas”.³⁶

A analítica do poder perpassa os escritos genealógicos de Foucault do início ao fim. Ela se desloca de um tema ao outro e, a um só tempo, vai se revisando. Pela analítica do poder em movimento, é possível identificar as transformações da análise de Foucault em sua obra. A título de visão geral, nos textos que priorizam a ação do poder sobre o sujeito, dos anos 1960 ao final da década de 1970, a analítica do poder se reformula constantemente, e se atém às diferentes formas de poder desenvolvidas – o poder soberano, o poder disciplinar, o biopoder, o poder pastoral –, a partir do interesse de Foucault em fazer a genealogia do governo.

Há um movimento da analítica do poder de realizar a história da governamentalidade do Estado moderno, em *Sécurite, territoire, population*³⁷. É desse objetivo declarado nesse curso que se podem identificar formas ou práticas de poder, quais sejam: o poder pastoral, centrado na direção de consciência pela Igreja, o poder soberano, focalizado na punição dos súditos e que se exerce sobre os territórios³⁸; bem como o poder disciplinar, baseado no adestramento dos corpos úteis ao capitalismo, que se exerce nos sistemas de utilidade, no livro *Surveiller et punir: naissance de la prison*³⁹; o biopoder, sedimentado na biopolítica, isto é, no governo da vida biológica dos grupos humanos, das populações a serem geridas pelo Estado, o que foi tratado nos cursos de 1976 e 1978. No curso *Naissance de la biopolitique* (1979)⁴⁰, a analítica do poder dá outro passo na genealogia do governo, ao se ocupar das condutas econômicas resultantes da governamentalidade neoliberal.

Já nos textos do último Foucault, dos fins de 1970 até 1984, a analítica do poder se concentra na ação do poder pelo sujeito, do poder como governo de si, isto é, na relação do sujeito consigo, ou como o sujeito governa a si próprio, criando sua forma de vida. Essa perspectiva encontra-se, por

³⁶ SILVA, J. *A materialidade do poder no pensamento de Michel Foucault: por uma “história política dos corpos”*, 2022, p. 18-19. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2022.

³⁷ FOUCAULT, M. *Sécurite, territoire, population: Cours au Collège de France* (1977-1978). Paris: Gallimard, Seuil, 2004.

³⁸ No curso “*Il faut défendre la société*”, Foucault tratou mais especialmente do poder soberano que se exerce sobre os territórios. Ver: FOUCAULT, M. *Il faut défendre la société: Cours au Collège de France* (1975-1976). Paris: Gallimard, Seuil, 1997.

³⁹ FOUCAULT, M. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 2004.

⁴⁰ FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique: Cours au Collège de France* (1978-1979). Paris: Gallimard, Seuil, 2004.

exemplo, em *Do governo dos vivos* (1979-1980)⁴¹, *L'herméneutique du sujet* (1982), *O Governo de Si e dos Outros* (1983)⁴², *Le courage de la vérité: Le gouvernement de soi et des autres II* (1984)⁴³.

Nesse momento da analítica do poder, Foucault consolida, em sua escrita, a consciência de um duplo funcionamento do governo no Ocidente: o governo dos outros, como ação do poder sobre a ação dos sujeitos, e o governo de si, enquanto ação dos sujeitos voltada para práticas de liberdade.

Silva corrobora que Foucault se contrapôs às tradições jurídico-filosófica, dos contratualistas, e economicista, de Marx, em relação ao poder. Ambas reduziam o poder a instâncias de comando, localizando-o nas figuras tradicionais do rei soberano e da burguesia capitalista.⁴⁴

Nessas perspectivas, o poder está localizado em lugares de comando, de onde se proíbe e permite, pelo viés da lei, e onde se concentra riqueza, pelo viés da economia. A tradição dominante, a jurídico-filosófica via o poder como um “[...] sistema de proibições e permissões”⁴⁵, exercido por instituições como o Estado. Já a tradição economicista reduzia o poder à força de comandar a sociedade pelos interesses capitalistas da burguesia.

O legado intelectual de Foucault é vasto e, como ocorre com todos os grandes pensadores, está sujeito a interpretações e apropriações diversas de sua obra. Jean-François Bert argumenta que a escrita de Foucault se caracteriza por seu interesse em explorar “todos os fenômenos da vida social, até os aspectos mais mundanos da vida quotidiana”. Além disso, observa que sua produção “[...] é muito mais do que um simples discurso histórico: é uma arte de dizer”.⁴⁶

Um dos principais contributos da herança foucaultiana é a “história política dos corpos” que sofrem a ação do poder. O conceito de “corpo-máquina” refere-se à ideia de um corpo que foi adestrado, docilizado, para se tornar produtivo na sociedade capitalista; o “corpo-espécie” é concebido como a população enquanto objeto de gestão do Estado. Por fim, o “corpo sexuado” é transformado em objeto de pecado pelo poder pastoral do cristianismo.⁴⁷ A esse respeito, Bert declara que o principal avanço de Foucault “nas ciências humanas foi dar voz a ‘essas vidas que estavam destinadas a passar por baixo de todo o discurso’”⁴⁸.

⁴¹ FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

⁴² FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁴³ FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité: Le gouvernement de soi et des autres II: Cours au Collège de France* (1983-1984). Paris: Gallimard, Seuil, 2009.

⁴⁴ SILVA, A *materialidade do poder no pensamento de Michel Foucault*, p. 18-19.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 19.

⁴⁶ BERT, J-F. La contribution foucauldienne à une historicisation du corps. *Questions de communication*, n. 4, 2003, p. 289-299 [aqui 293].

⁴⁷ BERT, La contribution foucauldienne à une historicisation du corps, p. 290.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 295.

Mathieu Potte-Bonneville acrescenta que “o legado de Michel Foucault é o da irrupção do corpo”. A escrita foucaultiana é um convite a dar voz aos corpos que “insistem em fazer-se ouvir”, em afirmar, “no exterior, a sua presença, as suas exigências e a sua irredutibilidade a enquadramentos impostos”.⁴⁹

Foucault não queria ser reproduzido, mas reinventado, relido criticamente. Seu amigo brasileiro Roberto Machado, no seu livro *Impressões de Michel Foucault*, relata:

Quando andava à procura de um assunto de tese, perguntei-lhe, enquanto passeávamos pelo Rio: “O que você acha de eu escrever um livro sobre sua arqueologia?” Ele foi taxativo: “Horrível!” Na verdade, foi o que acabei fazendo. Mas, na hora, meio envergonhado, modifiquei a pergunta: “E o que você acha de eu escrever uma arqueologia da epistemologia?” Ele avivou o olhar já poderoso que parecia vir das profundezas e respondeu entusiasmado: “Ótimo!” A ideia seria utilizar o instrumental conceitual usado em suas pesquisas sobre as ciências do homem para flagrar o nascimento e as transformações do projeto epistemológico. E se ele não só achou ótimo, mas se dispôs a colaborar, foi porque não era sobre ele; era a utilização livre da “metodologia” inventada por ele para dar conta de um objeto diferente. Ele valorizava os utilizadores, não os comentadores.⁵⁰

A filosofia foucaultiana e seu interesse pelos assuntos do quotidiano do sujeito ocidental, bem como pela irrupção dos corpos que padecem, “[...] não se encontram à frente ou atrás das suas descrições, mas sim dentro delas”⁵¹.

Por isso, o trabalho de comentário, de captar a novidade implícita nos textos foucaultianos, isto é, o que o autor não enunciou, embora esteja dito, é incontornável para entendê-lo adequadamente. Ademais, não basta comentar, é imprescindível elaborar releituras da obra foucaultiana, a partir do “[...] apelo do texto a criar novas escritas”⁵², isto é, produzir novos discursos à luz da escrita foucaultiana.

Para promover o avanço do pensamento de Foucault, é preciso não apenas compreender seu discurso original pela via do comentário, mas também, pela via da releitura, transformá-lo em novos discursos que acrescentem algo inovador ao que já foi dito. Esse duplo desafio implica não apenas explicar os textos de Foucault, mas também reinterpretá-los e reutilizá-los como ferramentas de pensamento, em vista da produção de novas escritas e discursos.

⁴⁹ POTTE-BONNEVILLE, M. Les corps de Michel Foucault. Dans *Cahiers philosophiques*, Éditions Réseau Canopé, n. 130, 2012, p. 72-94 [aqui 73,74].

⁵⁰ MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017, p. 107.

⁵¹ BERT, La contribution foucauldienne à une historicisation du corps, p. 296.

⁵² GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa do tipo teórico. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Psicanálise*, 1, 1991, p. 9-32 [aqui 16].

2. Interpretações da filosofia foucaultiana a partir dos cursos no Collège de France

Após as impressões da herança foucaultiana – mantendo-nos especialmente no contexto de seus cursos de 1978 e 1980 –, passamos a uma breve análise acerca das interpretações do pensamento de Foucault por parte de alguns de seus comentadores e por parte do próprio Foucault em algumas entrevistas, destacando em seguida os traços de sua escrita e, por fim, como se tem atualmente delineado ou interpretado a filosofia de Foucault.

2.1 Foucault interpretado à luz de *Sécurité, territoire, population* e entrevistas

Michel Senellart⁵³ defende que Foucault faz uma virada metodológica desde o curso de 1978 *Sécurité, territoire, population* na maneira de projetar seus cursos no Collège de France. Os primeiros cinco anos foram concebidos no sentido de desenvolver temas de um problema geral, de conectar os resultados das pesquisas com os desafios de lutas políticas e de não decepcionar os ouvintes. Essa visão de cursos separa a fase da pesquisa (tempo da biblioteca) da etapa de preparação do curso em manuscritos e, por fim, do ensino.

A partir de 1978, o professor muda o processo de elaboração dos cursos, o que lhe permite não separar mais o tempo dedicado aos estudos do tempo dedicado ao ensino. A pesquisa traz à tona novos problemas durante o ensino. Por exemplo, ao examinar o conceito de população nos mercantilistas e fisiocratas, surge a categoria de governo, o que leva o autor a traçar um novo caminho de investigação: o de fazer a história da governamentalidade.

Senellart destaca outro elemento peculiar à nova maneira de Foucault conceber suas aulas, que é a insistência em não demonstrar sua posição particular. Isto é, há um “[...] apagamento da voz própria do professor por trás dos textos lidos e comentados”⁵⁴. Essa postura de anonimato da própria voz é uma opção discursiva de Foucault já presente no curso de 1978.

A este respeito, Esther Díaz destaca que outra razão da omissão de opinião ser tomada como postura analítica, na obra foucaultiana, é que Foucault considera “[...] imoral falar em nome dos outros”⁵⁵. A função do filósofo

⁵³ SENELLART, M. O cachalote e o lagostim. Reflexão sobre a redação dos Cursos no Collège de France. In: ARTIÈRES, P. et al. (Org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

⁵⁴ SENELLART, O cachalote e o lagostim, p. 128.

⁵⁵ DÍAZ, E. *A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 192.

não é dar instruções para a conduta alheia, mas fabricar teorias que sejam utilizadas como uma “caixa de ferramentas”⁵⁶ à qual se recorre para compreender de que modo somos constituídos e imaginar caminhos de como podemos nos constituir de outro modo.

Uma vez que Foucault utiliza-se do recurso à omissão, a escrita filosófica torna-se um instrumento para repensar as técnicas que nos moldam como sujeitos e pensar novas formas de constituição da nossa subjetividade. Não é o indivíduo que está para a teoria, mas o contrário. O pensamento foucaultiano é uma filosofia que aposta na capacidade de o leitor exercitar sua própria experiência filosófica.

Na entrevista *Le philosophe masqué*⁵⁷, publicada em 6 de abril de 1980, Foucault justifica o seu anonimato – não apenas para esta entrevista em particular – como característica de seu pensamento filosófico, especialmente a partir de 1978:

- Mas, então, o que fez você se entrincheirar por detrás do anonimato?

Se escolhi o anonimato, não é então para criticar esse ou aquele, coisa que nunca faço. É uma maneira de me dirigir mais diretamente ao eventual leitor, o único personagem que me interessa aqui: ‘Já que você não sabe quem eu sou, você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais digo o que você lê; permita-se dizer a você mesmo simplesmente: é verdadeiro, é falso. Gosto disso ou não gosto daquilo. Um ponto, é tudo.’

- Mas o público não espera da crítica que ela forneça apreciações precisas sobre o valor de uma obra?

- Não sei se o público espera ou não que o crítico julgue as obras e os autores. Os juízes já estavam lá, antes que ele tivesse podido dizer do que precisava. Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procuraria julgar, mas procuraria fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma ideia; [...] ela multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais de existência; ela os provocaria, os tiraria de seu sono. Às vezes, ela os inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela não seria soberana, nem vestida de vermelho. Ela traria a fulguração das tempestades possíveis.⁵⁸

Aparecem dois motivos que explicam a omissão da opinião particular do pensador francês acerca dos textos de outros autores que analisa. O

⁵⁶ DÍAZ, A *filosofia de Michel Foucault*, p. 192.

⁵⁷ Entrevista concedida ao jornal francês *Le monde* e que se intitulou de *Filósofo mascarado*, porque segundo Foucault, “[...] estando o cenário intelectual sob o domínio da mídia, as estrelas prevalecendo sobre as ideias e o pensamento como tal não sendo mais reconhecido, o que se diz conta menos do que a personalidade daquele que fala. É preciso então, para romper com esses efeitos perversos e tentar fazer uma palavra que não possa ser banalizada em função do nome de quem ela procede, decidir-se a entrar no anonimato”. FOUCAULT, M. *Le philosophe masqué*. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits: 1980-1988*. Paris: Gallimard, 1994, p. 104.

⁵⁸ FOUCAULT, *Le philosophe masqué*, p. 105-106.

primeiro é a responsabilidade que o leitor tem de apreciar criticamente os escritos foucaultianos. O segundo consiste em que a função da crítica foucaultiana não é julgar os autores analisados pelo filósofo, e sim despertar o leitor do sono acrítico acerca das práticas de poder que constituem o sujeito ocidental.

Outro elemento que justifica a atitude anônima refere-se à resistência de Foucault às inúmeras investidas epistêmicas de capturá-lo em definições reducionistas da sua forma de vida. Na entrevista de 22 de maio de 1981, traduzida em 1984, o autor deixa claro o motivo de resistir às tentativas que buscam defini-lo, a partir de etiquetas, ou capturá-lo em estereótipos:

- *Que coerência existe entre as diferentes formas de luta política nas quais o senhor se engajou?*

- Diria que, em última instância, não faço nenhum esforço para desenvolver a menor forma de coerência. A coerência é a da minha vida. Lutei em diferentes domínios, é exato. São fragmentos autobiográficos. Conheci algumas experiências com os hospitais psiquiátricos, com a polícia e no terreno da sexualidade. Tentei lutar em todas essas situações, mas não me ponho em evidência como o combatente universal contra os sofrimentos da humanidade em todas as suas relações. Desejo guardar minha liberdade *vis-à-vis* das formas de luta nas quais me engajei. Gostaria de afirmar que a coerência é de natureza estratégica. Se eu luto por tal questão ou por tal outra, eu o faço porque, de fato, essa luta é importante para mim, em minha subjetividade. Mas, afora essas escolhas delimitadas a partir de uma experiência subjetiva, pode-se desaguar sobre outros aspectos, de modo a desenvolver uma verdadeira coerência, quer dizer, um esquema racional ou um ponto de partida não estando fundamentado sobre uma teoria geral do homem.

- *Foucault como anarquista libertário?*

- É o que o senhor desejaria. Não, não me identifico com os anarquistas libertários, porque existe uma certa filosofia libertária que crê nas necessidades fundamentais do homem. Eu não tenho vontade, eu, sobretudo, recuso-me a ser identificado, ser localizado pelo poder....⁵⁹

Tendo presente que ser um filósofo mascarado é também não se deixar localizar pelo poder, outra tentativa de etiquetar Foucault é a tendência a identificá-lo como teórico estruturalista.⁶⁰

⁵⁹ FOUCAULT, M. *Interview* de Michel Foucault. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV -1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 656-667 [aqui 667].

⁶⁰ Michel Foucault entende que existem dois tipos de estruturalismo. O estruturalismo como método de análise que funda ciências – a linguística –, renova outras – a história das religiões – e desenvolve disciplinas – a etnologia e a sociologia. O objeto é um conjunto de relações que regem elementos específico ou condutas. E há o estruturalismo como escolha de teóricos não especialistas que entendem seu trabalho como diagnóstico do presente. Esse estruturalismo é uma postura intelectual de autores que perderam o interesse metafísico por falar a respeito de coisas eternas e preocuparam-se em falar sobre o que se passa na atualidade. FOUCAULT, M. *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est "aujourd'hui"*. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. I – 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994, p. 580-584 [aqui 581].

Na entrevista em 12 de abril de 1967 a um jornal da Tunísia, *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est "aujourd'hui"*, o autor esclarece o lugar do estruturalismo em sua obra e tem uma relação de proximidade e distanciamento: “De distância, já que falo dele em vez de praticá-lo diretamente, e de reduplicação, já que não quero falar dele sem falar sua linguagem”.⁶¹ Contudo, em duas entrevistas, a de 1977 e a de 1983, Foucault declara-se não-estruturalista.

Desse modo, corrobora Judith Revel que o autor francês se nega a deixar-se capturar pela pergunta sobre “[...] sua identidade no grande jogo das semelhanças de família e de parentescos imaginários do pensamento filosófico”.⁶²

Certamente, quando Foucault escapa das definições impostas por outros – entrevistadores, teóricos, alunos, jornalistas –, ele resiste a uma determinada forma de exercício do poder, inerente às análises de sua obra e de sua personalidade. Trata-se da tendência de o saber epistêmico ser exercido como poder que objetiva o sujeito, através de definições reducionistas.

2.2 A escrita de Foucault interpretada à luz de *Du gouvernement des vivants*

Senellart havia ressaltado que *Du gouvernement des vivants* (1980) é um curso em que aparece a transição de uma análise genealógica para uma análise filológica, porque são desenvolvidas reflexões sobre palavras isoladas de textos comentados.⁶³

Foucault não valoriza tanto o contexto histórico e as práticas reais dos séculos analisados, mas os problemas que emergem nos textos lidos da patrística, já que, para Philippe Chevalier, nesse curso de 1980, “São os próprios textos, lidos em sua irreduzível singularidade, que definem as problemáticas. São suas palavras que conduzem a argumentação e definem o recorte preciso desta, com um mínimo de observações sobre o contexto histórico e as práticas reais”.⁶⁴

Chevalier reitera que, nas últimas entrevistas de Foucault, aparece uma forma de exercer o pensamento crítico, que é a problematização de comportamentos, de identificar problemas em conceitos cristãos nos textos lidos

⁶¹ FOUCAULT, *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est "aujourd'hui"*, p. 583.

⁶² REVEL, J. Os “grandes ausentes”: uma bibliografia pelo vazio. In: ARTIÈRES, P. et al. (org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 104.

⁶³ SENELLART, O cachalote e o lagostim, p. 126.

⁶⁴ CHEVALIER, P. *Michel Foucault et le christianisme*. Lyon: ENS éd., 2011, p. 159.

da patrística: “A “problematização” não é um espírito comum que habita o discurso, e menos ainda uma ideia que funda e justifica uma regra ou um código moral, mas o momento em que o pensamento se afasta de uma determinada conduta e reflete sobre ela de uma nova maneira”.⁶⁵

É na problematização das condutas inerentes às palavras cristãs que o filósofo francês se detém, a exemplo de expressões como *verdade da penitência*, *prova de si*⁶⁶, entre outras. Poderíamos dizer que, nesse momento da pesquisa, Foucault investiga palavras que remetem a condutas, formas de relacionar-se consigo mesmo em conceitos cristãos. Ele faz uma genealogia da subjetividade cristã, por meio de uma filologia das condutas pastorais.

Chevalier adverte que as fontes em que se baseou Foucault são traduções francesas não literais da patrística que foram cruzadas com textos originais em grego e latim, e com fontes secundárias em francês, alemão, inglês.⁶⁷ Isso, porque: “Talvez [...] Foucault não propõe inicialmente um ensino sobre os padres; ele propõe um ensino sobre sua experiência da leitura dos Padres”⁶⁸.

Nesse curso de 1980, está inerente a estratégia discursiva da suspensão do juízo próprio de Foucault sobre os textos da patrística. Uma relação que, no Cristianismo primitivo, residirá em ligar o sujeito com a verdade da fé e, sobretudo, com a sua verdade própria, para torná-lo confessante.

Uma razão especial, que explica a recusa proposital de Foucault em não se posicionar, refere-se à descoberta de Revel sobre teóricos que o autor conhecia, mas não citava, porque eles lhe serviam de “[...] instrumentos

⁶⁵ CHEVALIER, Michel *Foucault et le christianisme*, p. 12-13.

⁶⁶ CHEVALIER, P. Foucault e as fontes patrísticas. In: ARTIÈRES, P. (org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 110.

⁶⁷ Philippe Chevalier defende que, em *Do governo dos vivos*, Michel Foucault não menciona as edições dos textos patrísticos, tampouco as referências secundárias. Apesar de existirem opiniões contrárias em relação à leitura do filósofo de apenas textos originais ou somente de fontes secundárias parciais da patrística, é possível, a partir de indícios de certas traduções e de um caderno de anotações do autor, reconstituir as edições lidas por ele. As coletâneas dos pais da Igreja em francês são traduções não-literais, que priorizam o respeito do lexo original. Às vezes, Michel Foucault comparava as traduções com o texto-fonte, em latim ou grego, e fazia uma tradução mais próxima do original. Antes de preparar o curso de 1980, o professor já lia os pais da Igreja desde 1977, em Vendevre, e combinou com as traduções lidas na Biblioteca Nacional e na Biblioteca do Saulchoir, para preparar o curso: a) as de *Sources Chrétiennes*, das edições du Cerf fundadas por Jean Daniélou, Henri de Lubac e Claude Mondésert; b) a de Genoude (1792-1849); c) a primeira (1919) e segunda (1926) edições de Hemmer-Lejay *Les Pères Apostoliques*; d) a edição de bolso e compilação prefaciada por Louis Bouyer; e) a edição crítica de Hippolyte das *Sources Chrétiennes*. Enfim, Michel Foucault não se prende obrigatoriamente à melhor tradução ou ao texto original, porque o seu método não é fazer comentário erudito acerca da tradução mais acertada. CHEVALIER, Foucault e as fontes patrísticas, p. 110-111.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 114.

de pensamento”⁶⁹ para ler textos como arquivos. Foucault encontra em Roussel⁷⁰ técnicas e procedimentos literários que lhe serviram para resistir a demarcações conceituais restritas. Estas, por seu turno, determinam normas discursivas, como “[...] de retórica erudita, de aceitabilidade científica”⁷¹.

A obra rousseliana influencia o método foucaultiano no sentido de permitir a Foucault criar suas estratégias discursivas, o que fica evidente no seu comentário acerca do texto rousseliano *Comment j’ai écrit certains de mes livres* (1935). Trata-se de um escrito concebido depois que Roussel escreveu seus livros e que revela o vínculo do autor com sua obra, uma relação pautada na *técnica do segredo*.

Roussel não entrega aos leitores o sentido preciso das palavras, mas conecta-os com realidades que a própria morfologia lexical sugere mediante múltiplas articulações linguísticas. A escrita rousseliana é propositalmente secreta, mas aberta a várias possibilidades de interpretação.

O artigo de Macherey, *Com Foucault com Roussel*, é elucidativo no que tange à influência estratégica rousseliana nos escritos foucaultianos. Macherey pontua que Roussel estabelece uma relação original da literatura com a linguagem:

[...] em Roussel, descobre-se que a literatura não somente é feita com a linguagem, esta constituindo a ferramenta ou o instrumento, mas é ‘a linguagem’, isto é, sendo feita de linguagem que constitui seu material, ela é também originária da linguagem e gerada por ela; nela, a linguagem continua secretamente sua obra própria, e se produz como linguagem, aquilo a que ela chega fixando o lance de dado que lhe deu origem e que define sua própria natureza. Assim, a literatura não teria, finalmente, outra função senão a de liberar a verdade da linguagem.⁷²

Como atesta o trecho acima, a literatura rousseliana busca libertar a linguagem das pretensões usuais e devolvê-la ao seu poder inventivo (ficcional) de produzir realidades possíveis. Para isso, é preciso liberar o texto literário da regra de responder o seu *porquê* para a regra do deixar falar o *como* da linguagem. Isto é, fazer a literatura sair de explicações causais, para ser um texto *sem porquê*, que se detenha apenas no *como* ou no *seu existe*⁷³ da linguagem. A função da literatura é ligar

⁶⁹ FOUCAULT, *apud* REVEL, J. Os “grandes ausentes”: uma bibliografia pelo vazio. In: ARTIÈRES, P. et al. (org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 104.

⁷⁰ Raymond Roussel foi um escritor, poeta e dramaturgo francês que viveu do século XIX ao XX. Michel Foucault escreveu um livro em 1963 intitulado *Raymond Roussel*. É um texto que comenta a obra literária de Roussel, sobretudo, o livro *Comment j’ai écrit certains des mes livres* (1935). No volume III da coleção *Ditos e escritos*, o autor analisa, com mais rigor, esse texto de Roussel.

⁷¹ REVEL, Os “grandes ausentes”: uma bibliografia pelo vazio, p. 106.

⁷² MACHEREY, P. Com Foucault com Roussel. In: ARTIÈRES, P. et al. (org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 153.

⁷³ MACHEREY, Com Foucault com Roussel, p. 153.

o leitor com o poder criador (inventivo) de verdade da linguagem.

A partir do cruzamento de olhares sobre o estilo foucaultiano, de Macherey e de Revel, o que se dá como suposto é que Foucault adota a estratégia da suspensão do juízo sobre os textos da patrística, no curso de 1980. O motivo é que esse pensador se inspira no estilo literário de Roussel.

Foucault significa seus interesses analíticos pela obra rousseliana em duas imagens que indicam a criação de suas técnicas discursivas, a fim de enfrentar o poder de discursos totalizantes, que se pretendem ser a única forma de dizer a verdade. Um poder que busca capturar o autor em acusações, em diagnósticos apressados, em perguntas capciosas.

A primeira imagem é a do acaso da linguagem: “[...] e o acaso é apenas uma maneira de transformar em discurso o improvável encontro das palavras”⁷⁴. O que, em Roussel, atrai Foucault é uma visão de linguagem como possibilidade infinita de articular as palavras para dizer alguma coisa do mundo.

A segunda imagem é a do segredo da linguagem: “É o labirinto que faz o Minotauro: não o inverso”⁷⁵. Interessa a Foucault que a literatura rousseliana é irreduzível e, conseqüentemente, aberta, pois o que se esconde nos textos de Roussel são as estratégias linguísticas que fabricam o sentido (tesouro) do texto.

Os escritos foucaultianos constituem-se, desse modo, pela suspensão do próprio juízo, como estratégia literária que permite aos seus textos abertura hermenêutica. Além disso, concede ao próprio autor a estratégia de não ser objetivado e a seu pensamento a tática de não ser localizado por uma análise reducionista de sua obra.

Por isso, o filósofo mantém-se isento de reduzir os seus escritos à intenção única de crítica. Foucault atribui ao leitor a responsabilidade de chegar por si próprio às críticas que as interpretações do texto permitem. E, ao mesmo tempo, convida quem lê a fazer a experiência dos textos analisados. Permite, pois, que o próprio leitor seja a chave de leitura para explicar, com inúmeras articulações o texto foucaultiano.

Uma estratégia é deixar o leitor decifrar segredos nunca percebidos na sua experiência com os textos do passado. E, a partir de diversas combinações linguísticas, que podem ser incompatíveis, contudo possíveis, fazer a experiência de pensamento a que a filosofia foucaultiana convida.

⁷⁴ FOUCAULT, M. Pourquoi reedite-t-on l'œuvre de Raymond Roussel? Un précurseur de notre littérature moderne. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). *Dits e écrits*: vol. I — 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994, p. 421-424 [aqui 423].

⁷⁵ FOUCAULT, Pourquoi reedite-t-on l'œuvre de Raymond Roussel?, p. 424.

2.3 Um breve apanhado à luz dos cursos de 1978 e 1980

Os cursos *Sécurité, territoire, population* e *Du gouvernement des vivants*, como já se sabe por Senellart, foram elaborados com outro olhar autoral distinto daqueles dos primeiros cinco anos de curso no Collège de France. Em ambos, há uma análise de textos patrísticos.

Em *Foucault e as fontes patrísticas*, Chevalier sugere que o objetivo do método foucaultiano é fazer uma experiência de pensamento que produza impacto entre os textos patrísticos do passado e o presente de quem os lê; que leve o leitor a tomar consciência de como é constituído pelo poder pastoral: que o governo dos vivos é o sujeito ser governado pela verdade⁷⁶ e tornar-se obediente.

Complementando a visão de Chevalier, Frédéric Gros defende que a concepção do trabalho filosófico, em Foucault, é influenciada pela leitura que o filósofo fez de Platão que, por sua vez, entendeu que:

[...] a filosofia é uma estrada, um caminho (*hodos*). Dizer da filosofia que ela é um caminho é lembrar que ela deve ser percorrida, é insistir na dificuldade, no exercício, na paciência e na não delegação: ninguém pode fazer o caminho em seu lugar, dando-lhe simplesmente, o que seria, evidentemente, menos cansativo e mais rápido, a ler conclusões. A filosofia vai ser, pois, não *mathêmata* (fórmulas a aprender), mas exercícios, uma prática de si e de seu pensamento regular. Vai-se encontrar no texto uma bela comparação que, evidentemente, Foucault explora, é a da lâmpada. É como a lâmpada que se acende: aproxima-se a tocha da lâmpada, e logo a chama pega, isto é, a lâmpada nutre a chama *com seu próprio óleo*.⁷⁷

Esse trecho preconiza que Foucault não faz filosofia do lado do regime de pensamento, em que o sujeito que demonstra conhecimentos ou recita dogmas é anônimo, no sentido de que “[...] aquele que fala sabe o que ele tem a dizer”⁷⁸. Ou seja, quem que diz não encara o que tem a dizer como experiência que lhe altera.

Por outro lado, no entender de Gros, Foucault experimenta a filosofia enquanto “[...] um pensamento que se compreende como exercício de verdade, e pode assumir a forma tanto de um manuscrito quanto de uma discussão pública”⁷⁹. Isto é, quem escreve e fala constitui-se pela verdade

⁷⁶ Philippe Chevalier pontua que o método de trabalho foucaultiano, em *Do Governo dos Vivos*, não é fazer um comentário erudito e preocupar-se com as fontes originais e críticas dos pais da Igreja, como fazem alguns historiadores. Por isso, Michel Foucault ocupa-se mais do campo semântico de termos como *verdade da penitência, prova, publicação de si*, que lhe interessam para o objetivo filosófico de sua pesquisa de 1980, que é mostrar a relação do sujeito com a verdade. Ver: CHEVALIER, Foucault e as fontes patrísticas, p. 111.

⁷⁷ GROS, F. Da superioridade dos Cursos. In: ARTIÈRES, P. et al. (org.). *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 131.

⁷⁸ GROS, Da superioridade dos Cursos, p. 132.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 132.

do que sabe e encara o saber como experiência de alteração a ser compartilhada com outros.

À vista disso, a filosofia, desde a leitura foucaultiana de Platão, constrói-se com diálogo. Dialogar é a ação de fazer circular a palavra entre os interlocutores. Diálogo é a palavra que produz efeito de transformação nos sujeitos. A filosofia como diálogo é a experiência de pensamento em que os sujeitos vivenciam sobre si o trabalho de alteração pelo pensamento filosófico. E Foucault expressa essa ideia com mais elegância no trecho:

Mas meu problema não é satisfazer os historiadores profissionais. Meu problema é fazer eu mesmo, e convidar os outros a fazerem comigo, através de um determinado conteúdo histórico, uma experiência do que somos, do que é não apenas nosso passado, como também o nosso presente, uma experiência de nossa modernidade, de tal maneira que dela saíamos transformados.⁸⁰

A filosofia é um exercício de si, no sentido de ser uma experiência de pensamento que transforma o sujeito que lê, escreve, fala e diz. Não é um mero relato de fatos e mera repetição de conteúdos eruditos, proferidos de sujeito para sujeito. É experiência do ser humano com o pensamento que gera realidades possíveis.

A intuição de Gros representa a postura intelectual de Foucault como experiência filosófica, desde os idos de 1978, atitude essa que exprime uma visão de filosofia que não é somente uma inquietação do/a filósofo/a diante de verdades dogmáticas. A filosofia é, sobretudo, *uma tomada de palavra* do/a filósofo/a. Filosofar é propor “[...] conteúdos de conhecimento que não têm, portanto, *status* de dogma a repetir, mas de *usos* propostos”⁸¹.

Por fim, quem filosofa há de ter a coragem de propor sentidos de verdade e capacidade de tomar consciência de como se é constituído na sociedade pelo exercício do poder. A experiência filosófica não se confunde com fórmulas prontas para se repetir, mas é uma atividade de alteração do sujeito que o leva a propor usos possíveis para os conteúdos das palavras e das práticas.

Considerações finais

Esta modesta pesquisa sobre Michel Foucault, motivada pela memória do 40º aniversário de seu falecimento, procurou trazer um pouco mais à luz a profundidade e a complexidade de seu pensamento, que se desdobra muito especialmente em uma abordagem genealógica meticulosa e uma analítica perspicaz do poder. Ao investigarmos as relações de poder e co-

⁸⁰ FOUCAULT, Entretien avec Michel Foucault, p. 44.

⁸¹ GROS, Da superioridade dos Cursos, p. 132.

nhecimento, percebemos como Foucault desafia as noções tradicionais de identidade e verdade, ao mesmo tempo que propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos de controle e constituição do sujeito.

Ao sublinharmos a importância do método genealógico de Foucault, vi-sávamos compreendê-lo como busca do pensador francês em diagnosticar o presente, revelando os jogos de poder subjacentes aos eventos históricos e às práticas sociais. As ponderações em torno à analítica do poder mostraram sua capacidade de pensar as transformações sociais e políticas contemporâneas desde a complexa relação entre poder e subjetividade, ao mesmo tempo que deixavam transparecer a atualidade dessa análise, especialmente diante da complexidade das sociedades contemporâneas e dos desafios emergentes em relação ao poder, conhecimento e subjetividade. Foucault não destacou somente o aspecto coercitivo e repressivo do poder, mas também o seu aspecto produtivo e constitutivo do modo como os indivíduos são governados e governam a si mesmos, como moldam seus corpos e identidades, como se posicionam frente às novas tecnologias.

Concluimos que o vigor do pensamento de Foucault se mostra sempre e quando provoca uma experiência de transformação no entendimento do leitor acerca de si mesmo e do mundo. Neste sentido, sua filosofia desperta novos sentidos de verdade que nos convidam a refletir o nosso próprio papel na construção e na contestação do conhecimento e do poder.

Como convite à experiência de pensamento, a filosofia foucaultiana nos inspira a coragem de questionar verdades estabelecidas e de propor novos usos para as palavras e práticas, a fim de que nos tornemos agentes de transformação em nossa própria experiência filosófica.

Referências

AYUB, João Paulo. *Introdução à analítica do poder de Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2014.

BERT, Jean-François. La contribution foucauldienne à une historicisation du corps. *Questions de communication*, n. 4, p. 289-299, 2003.

CHEVALIER, Philippe. *Michel Foucault et le christianisme*. Lyon: ENS éd., 2011.

CHEVALIER, Philippe. Foucault e as fontes patrísticas. In: ARTIÈRES, Philippe (Org.). *Michel Foucault*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 109-114.

DÍAZ, Esther. *A filosofia de Michel Foucault*. Tradução de Cesar Candiottto. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

FOUCAULT, Michel. À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV — 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 609-636.

- FOUCAULT, Michel. *Du gouvernement des vivants: Cours au Collège de France* (1979-1980). Paris: Gallimard, Seuil, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Entretien avec Michel Foucault*. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV — 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 41-95.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Le courage de la vérité: Le gouvernement de soi et des autres II: Cours au Collège de France* (1983-1984). Paris: Gallimard, Seuil, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *“Il faut défendre la société”*: Cours au Collège de France (1975-1976). Paris: Gallimard, Seuil, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Interview de Michel Foucault*. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV — 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 656-667.
- FOUCAULT, Michel. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est “aujourd’hui”. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. I — 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994, p. 580-584.
- FOUCAULT, Michel. Le philosophe masqué. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. IV — 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994, p. 104-110.
- FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres: Cours au Collège de France* (1982-1983). Paris: Gallimard, Seuil, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *L’herméneutique du sujet: Cours au Collège de France* (1981-1982). Paris: Gallimard, Seuil, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *L’ordre du discours: Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Gallimard, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique: Cours au Collège de France* (1978-1979). Paris: Gallimard, Seuil, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l’histoire. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. II — 1970-1975. Paris: Gallimard, 1994, p. 136-156.
- FOUCAULT, Michel. La scène de la philosophie. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. III — 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994, p. 571-594.
- FOUCAULT, Michel. Pourquoi reedite-t-on l’œuvre de Raymond Roussel? Un précurseur de notre littérature moderne. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits e écrits*: vol. I — 1954-1969. Paris: Gallimard, 1994, p. 421-424.
- FOUCAULT, Michel. *Sécurité, territoire, population: Cours au Collège de France* (1977-1978). Paris: Gallimard, Seuil, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 2004.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa do tipo teórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PSICANÁLISE, 1., 1991. *Anais [...]*. [S. l.: s. n.], 1991, p. 9-32. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nnxe81vn>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- GROS, Frédéric. Da superioridade dos Cursos. In: ARTIÈRES, Philippe et al. (Org.). *Michel Foucault*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 129-132.

MACHEREY, Pierre. Com Foucault com Roussel. In: ARTIÈRES, Philippe et al. (Org.). *Michel Foucault*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 151-153.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

POTTE-BONNEVILLE, Mathieu. Les corps de Michel Foucault. *Dans Cahiers philosophiques*, Éditions Réseau Canopé, n. 130, 2012, p. 72-94.

REVEL, Judith. Os “grandes ausentes”: uma bibliografia pelo vazio. In: ARTIÈRES, Philippe et al. (Org.). *Michel Foucault*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 103-108.

SENEILLART, Michel. O cachalote e o lagostim. Reflexão sobre a redação dos Cursos no Collège de France. In: ARTIÈRES, Philippe et al. (Org.). *Michel Foucault*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 121-128.

SILVA, Juliana de Paula Sales. *A materialidade do poder no pensamento de Michel Foucault: por uma “história política dos corpos”*. 2022. 266 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2022.

Endereço dos autores:

Renato Carvalho de Oliveira

Rua dos Sacramentinos, 240 – Planalto
Av: Dom José Gaspar, 500 — Coração Eucarístico
31730738 Belo Horizonte – MG
E-mail: renatoamdmg@protonmail.com

Luiz Carlos Sureki

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 – Belo Horizonte – MG
E-mail: luizsureki@hotmail.com